

Educação museal e gestão de riscos no Centro Cultural Três Poderes: valorização do patrimônio humano e material

Educación museística y gestión de riesgos en el Centro Cultural Três Poderes: valorización del patrimonio humano y material

Renata Silva Almendra¹
Valentina Gomes Lauxen²

DOI 10.26512/museologia.v14i27.56713

Resumo

Este artigo tem como proposta apresentar os resultados de uma pesquisa e de uma ação educativa realizadas no Centro Cultural Três Poderes (CC3P), localizado no centro político e administrativo da Capital Federal. A pesquisa enfoca os impactos dos atos antidemocráticos ocorridos em Brasília no dia 8 de janeiro de 2023 nos funcionários terceirizados de limpeza e vigilância atuantes nesta instituição, destacando sua vulnerabilidade e a falta de valorização. Utilizando a metodologia de pesquisa-ação, o estudo promoveu a elaboração de uma Oficina de Gestão de Riscos para tratar das questões relacionadas à segurança, preservação do patrimônio material, imaterial e humano, e o papel social dos museus. A iniciativa ressaltou a necessidade de incluir o público interno no planejamento educativo, contribuindo para a democratização e valorização dos museus.

Palavras-chave

Educação museal; Centro Cultural Três Poderes; patrimônio cultural; gestão de riscos; acessibilidade.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar los resultados de una acción de investigación y educación realizada en el Centro Cultural Três Poderes (CC3P), ubicado en el centro político y administrativo de Brasília, Brasil. La investigación se centra en los impactos de los actos antidemocráticos ocurridos en Brasília el 8 de enero de 2023 en los empleados subcontratados de limpieza y vigilancia que trabajan en esta institución, destacando su vulnerabilidad y falta de valoración. Utilizando la metodología de investigación acción, el estudio promovió el desarrollo de un Taller de Gestión de Riesgos para abordar temas relacionados con la seguridad, la preservación del patrimonio material, intangible y humano, y el rol social de los museos. La iniciativa destacó la necesidad de incluir al público interno en la planificación educativa, contribuyendo a la democratización y valorización de los museos.

Palabras clave

Educación museística; Centro Cultural Tres Poderes; herencia cultural; gestión de riesgos; accesibilidad.

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - Departamento de Métodos e Técnicas, na área de Ensino de História. Historiadora e Museóloga com doutorado em História pela Universidade de Brasília. Por 13 anos atuou ativamente na Política Nacional de Museus ao compor o quadro de servidores do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), onde desenvolveu trabalhos relativos à educação museal e a elaboração da Política Nacional de Educação Museal PNEM. Tem como áreas de pesquisa o ensino de história; educação museal; educação patrimonial; história urbana e de Brasília.

² Graduanda em Museologia pela Universidade de Brasília. Participou do projeto "Pesquisa em Educação Museal: Ações educativas nos espaços museais do governo do Distrito Federal". Tem interesse e desenvolve pesquisas nas áreas de Educação Museal e Documentação Museológica.

Introdução

No dia 8 de janeiro de 2023, o Brasil sofreu um ato antidemocrático que visava deslegitimar a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, que afetou o país inteiro por sua violência e depredação do patrimônio público localizado nas instituições da Praça dos 3 Poderes. Não só o Brasil, mas o mundo todo ficou estarrecido com a invasão dos edifícios monumentais representativos dos três poderes da União, bem como na completa destruição dos objetos históricos e obras de artes pertencentes a esses espaços.

O foco dos ataques e, portanto, da repercussão dos atos de vandalismos na mídia se deteve principalmente no Palácio do Planalto, no Congresso Nacional e no Supremo Tribunal Federal – todos concebidos pelo arquiteto Oscar Niemeyer. No entanto, pouco se falou sobre os espaços culturais que também se localizam na Praça dos Três Poderes e que, juntos, compõem o Centro Cultural Três Poderes (CC3P): o Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, que apresenta a história de Tancredo Neves, Tiradentes e outros heróis nacionais; o Museu da Cidade, que traz em suas paredes frases históricas de Juscelino Kubitschek sobre a idealização e construção de Brasília; o Espaço Lucio Costa, que abriga a famosa maquete da estrutura do Plano Piloto; e o Espaço Oscar Niemeyer, projetado pelo mesmo, e que abriga exposições temporárias diversas. Tais espaços, que são frequentados majoritariamente por turistas e grupos escolares, no dia 8 de janeiro de 2023 foram surpreendidos por um grupo inesperado, que chegou de forma violenta, jogando bombas de gás lacrimogênio e fazendo seus funcionários de reféns.

O presente artigo é fruto de uma pesquisa que partiu de conversas informais com as equipes de limpeza e vigilância dos espaços constituintes do CC3P sobre os atos de violência aos quais foram submetidos no início do ano de 2023. Os locais mais afetados foram o Museu da Cidade e o Espaço Lucio Costa. No momento da invasão do Museu da Cidade, apenas um vigilante estava no local, desarmado. Os invasores o acaram pedindo por armas e outros objetos e tentaram fazê-lo de refém. Ele conseguiu fugir, deixando o museu aberto: “Em primeiro lugar deve estar a minha vida”, disse ele. Destaca-se que no Museu da Cidade não há um acervo composto por objetos, mas por frases de JK encrustadas em suas paredes. Mesmo assim o local sofreu depredações. No Espaço Lucio Costa, que está localizado em um espaço subterrâneo na Praça, foi lançada uma bomba de gás que atingiu de forma bastante nociva o vigilante e o funcionário da limpeza que estavam lá no momento, além dos ataques e agressões corporais por parte dos invasores que tentaram fazer o vigilante de refém. O Panteão da Pátria e da Liberdade, que fica ao fim da Praça, sofreu apenas uma tentativa de arrombamento de sua porta principal, sem sucesso. Lá dentro estavam apenas duas vigilantes desarmadas.

Diante dessas conversas, surgiram algumas reflexões e indagações: atualmente estamos tão preocupados em fazer uma gestão de riscos do patrimônio museológico, que muitas vezes nos esquecemos do patrimônio humano que habita o mesmo museu, contribuindo com o seu trabalho para a preservação e bom funcionamento dos espaços. Dessa forma, foi pensada uma atividade educativa voltada especificamente para as equipes de limpeza e vigilância dos espaços que compõem o Centro Cultural Três Poderes, visando uma discussão mais ampliada sobre gestão de riscos, a partir da vivência e experiências desses funcionários nos referidos museus.

O objetivo da pesquisa que culminou neste artigo, portanto, foi elaborar e aplicar uma ação educativa voltada para discussão do valor do patrimônio material, imaterial e humano para/com os funcionários da vigilância e limpeza do CC3P, assim como possibilidades de intervenções a serem feitas para aprimorar o educativo dos espaços. A proposta inclui o incentivo à integração dos funcionários terceirizados nos museus, promovendo o sentimento de pertencimento dessas equipes aos espaços museais.

A metodologia utilizada para o projeto foi a pesquisa-ação, permitindo o pesquisador transitar entre teoria e prática para elaborar uma resolução para as dificuldades encontradas durante sua pesquisa. A pesquisa-ação é um método defendido por David Tripp, que acredita que fundamentaria projetos com o objetivo de transformações de práticas. Uma das modalidades da pesquisa-ação citadas por Tripp é a pesquisa-ação prática.

(...) a pesquisa-ação prática é diferente da técnica pelo fato de que o pesquisador escolhe ou projeta as mudanças feitas. Nesse caso, as duas características distintivas são: primeiro, é mais como a prática de um ofício - o artífice pode receber uma ordem, mas o modo como alcança o resultado desejado fica mais por sua conta de sua experiência e de suas ideias -; e segundo, porque o tipo de decisões que ele toma sobre o quê, como e quando fazer são informadas pelas concepções profissionais que tem sobre o que será melhor para seu grupo. (Tripp, 2015: 457)

Com o objetivo de transformação, a escuta é uma ferramenta primordial para essa pesquisa, visto que para a construção de uma ação educativa, é necessário dialogar com o público-alvo do projeto. A aplicação deste projeto teve como princípio o rompimento com a cultura hegemônica existente dentro de algumas instituições educativas, que muitas vezes prezam pelo conhecimento aprisionado e hierárquico. Esse apreço pela limitação do pensamento é resquício de uma doutrina colonialista, que tem o objetivo de segregar ainda mais o que foge do padrão hegemônico. A instauração desse sistema permite negar o saber às comunidades marginalizadas, negligenciando o diálogo e pensamento crítico.

De acordo com o Decreto nº 8.124/2013, no parágrafo único do art.23, museus tem a obrigação de implementar questões que abordem o tema da Acessibilidade Universal em todos os seus programas e atividades. Essa indicação expande o diálogo para uma percepção que vá além da acessibilidade ao meio físico das instituições, incluindo a cláusula social e o exercício de atividades que corroborem para que os museus sejam locais cada vez mais democráticos. O manual “Subsídios para a elaboração de Planos Museológicos”, publicado pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), destaca que:

(...) não se pensa aqui somente na acessibilidade física, mas também na acessibilidade econômica, informacional, cultural etc. A questão é fornecer toda uma infraestrutura para receber todos os tipos de visitantes, de diferentes níveis de interesse e com suas particularidades – um tipo de acessibilidade universal (Ibram, 2016: 97).

Essa dedicação para construir programas de acessibilidade voltadas para o identitário permite uma conexão entre o público e a instituição, cumprindo com o papel social dos museus de servir à comunidade. Nesse discurso também é preciso incluir o público interno, sendo indispensável inseri-los no plano de Acessibilidade Universal. De acordo com o professor Mário Chagas, a acessibilidade atitudinal vem propondo meios para romper com as barreiras que

impossibilitam ou desmotivam um grupo acessar setores de cultura. Por não ser comum a contemplação do público interno como, também, usufruidor dos ambientes museais, acaba-se por ignorar essas barreiras sociais, econômicas e informacionais. Para isso, é necessário a criação e permanência de atividades voltadas tanto para a questão do pertencimento, quanto do incentivo desse público em ocupar os espaços que lhes pertencem.

Um diagnóstico do CC3P com foco na dimensão educativa

De acordo com a Pesquisa Práticas Educativas nos Museus Brasileiros - PEMBrasil (2023), a realidade do CC3P é a mesma da maioria das instituições museais públicas do país: falta de verba e estrutura, insuficiência de profissionais nas equipes, remuneração inadequada, dentre outros. As dificuldades são tantas e permeiam o ambiente dos museus há tanto tempo, que questões tão importantes relacionadas às práticas educativas muitas vezes ficam em segundo plano. Ainda citando a PEMBrasil, as práticas educativas nos museus são existentes de forma frequente, porém apenas 34% dos museus possuem um setor educativo formalizado. Ou seja, mesmo que reconheçamos que os museus tenham uma dimensão educativa inerente à sua própria existência enquanto instituição, a falta de um setor educativo formalizado, organizado e atuante não permite a realização de ações que extrapolem as mediações, pensando outras atividades educativas e culturais voltadas para os diferentes públicos, publicação de materiais educativos sobre as exposições, atividades extramuros etc. Dialogando com o discurso de Maria Célia Santos, já muito se discutiu sobre os empecilhos que atrasam o desenvolvimento da educação dentro de espaços museais. De acordo com a museóloga, é necessário inovar, analisando os diagnósticos previamente feitos e procurar maneiras de planejar e implementar intervenções. (Santos, 2008: 128)

Para que seja possível expandir o impacto dessas instituições são necessárias diversas melhorias, tais como: investimento no setor educativo, pesquisas nos espaços culturais, valorização dos profissionais da área, integração do público interno como parte da instituição etc. Ao contrário, o que a PEMBrasil (2023) revela é uma precarização do setor educativo, carência de pesquisas para melhoria dos espaços, esvaziamento de profissionais dedicados às áreas educativas, desfalque nos funcionários atuantes nos espaços museais, entre muitos outros problemas estruturais e financeiros.

No CC3P não há um setor educativo formalizado e a carência de servidores para atuar nesse campo se faz evidente. Uma das alternativas encontradas pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF), responsável pela gestão dos espaços constituintes do CC3P, foi fundamentar uma parceria com a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SE-EDF), por meio da Portaria Conjunta n. 5 de 29 de agosto de 2019³. A referida portaria, de importância estratégica para o desenvolvimento da função educativa de alguns espaços culturais do Distrito Federal, institui o Projeto Territórios

3 Esta portaria foi posteriormente substituída pela Portaria Conjunta n.18, de 16 de agosto de 2024, que visa dar continuidade ao Projeto Territórios Culturais, mas reduz sua ação formal a apenas quatro equipamentos culturais, quais sejam: Cine Brasília, Memorial dos Povos Indígenas, Museu do Catetinho e Museu Nacional da República. Destaca-se, portanto, a exclusão do CC3P como Território Cultural a partir desta nova portaria publicada em 2024. No momento de realização desta pesquisa, o CC3P ainda contava com uma professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal para o desenvolvimento de ações pedagógicas e recebimento do público escolar nos espaços constituintes do CC3P.

Educação museal e gestão de riscos no Centro Cultural Três Poderes:
valorização do patrimônio humano e material

Culturais, que prevê a cessão de um professor do quadro da SEEDF para atuar no desenvolvimento de ações pedagógicas para o fomento da Política de Educação Patrimonial, no âmbito dos equipamentos públicos da SECEC-DF.

A ação tem o objetivo de explorar a educação museal e patrimonial com estudantes das escolas públicas do DF, dando oportunidade para uma proposta pedagógica alternativa e consolidando a relação escola-comunidade. Assim, de acordo com Freitas e Costa:

O Projeto Territórios Culturais coaduna com os objetivos da educação patrimonial e museal justamente por desenvolver uma compreensão integrada do patrimônio cultural material e imaterial, em suas múltiplas e complexas relações, incentivando a cooperação entre escola e comunidade, com vistas à construção de uma sociedade fundada em princípios democráticos e participativos, fortalecendo a cidadania, a autodeterminação dos povos e a solidariedade como fundamentos para o futuro sustentável da humanidade. (Freitas; Costa, 2020: 43)

Os autores destacam ainda que a Portaria Conjunta n. 5 foi criada justamente para suprir a ausência de setores educativos estruturados nos equipamentos culturais geridos pela SECEC, bem como a carência de profissionais do patrimônio em espaços culturais no DF. Em 2017 foi realizado um processo seletivo para que professores com experiências nas áreas de educação e cultura pudessem atuar em espaços culturais sob a gestão da SECEC-DF. Desde 2019, há seis professores fazendo uma ponte importantíssima entre a rede pública de educação do DF e as seguintes instituições culturais: Museu Nacional da República; Cine Brasília; Centro Cultural Três Poderes; Memorial dos Povos Indígenas; Museu do Catetinho e Museu Vivo da Memória Candanga. De acordo com os levantamentos realizados (Freitas; Costa, 2020) somente em 2019 foram atendidos pelo projeto mais de 25 mil estudantes de toda as regionais de ensino do Distrito Federal.

Houve outras tentativas de sanar a necessidade de profissionais atuantes nos centros culturais da capital do país, com a contratação temporária de empresas que atuam especificamente com mediação de exposições e acolhimento do público visitante. Assim, em 2023, o CC3P passou a contar com um projeto educativo temporário, com duração de 1 ano, pago com os recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) da própria Secretaria de Cultura e Economia Criativa. Além dessas dificuldades, durante a pesquisa foram detectados alguns dilemas que poderiam prejudicar o andamento e aplicação das ideias de intervenção pensadas para esta realidade. Um dos maiores problemas em aplicar projetos para equipes internas é a terceirização de alguns serviços, como o de vigilância e limpeza, que dificulta o acesso direto aos funcionários, geralmente submetidos a uma empresa prestadora de serviços, e sua disponibilidade para participar das atividades propostas. Além disso, a terceirização não garante um posto fixo para os funcionários, trazendo insegurança em relação a otimização do tempo dedicado ao aprendizado. No CC3P, a questão em relação a rotatividade não está diretamente ligada à troca de ambiente dos funcionários, mas sim as escalas de trabalho. Adotando o sistema 12h por 36h, os funcionários trabalham em dias alternados. Esse formato prejudicou a otimização do tempo, visto que para conversarmos com os funcionários e realizarmos as atividades educativas, tivemos que reservar quatro semanas para executar os encontros.

Outra dificuldade encontrada foi em relação a ideia inicial do plano, que consistia em fazer um levantamento dos interesses e necessidades de capa-

citação das equipes, de forma a contribuir para o trabalho que desenvolvem. Diversas vezes, durante as conversas realizadas com as equipes de limpeza e vigilância, foi questionado sobre o atravessamento dos espaços em suas vidas. As respostas foram voltadas para o foco do trabalho: proteger e preservar o ambiente dos museus, não havendo tempo para fazer uma análise mais profunda ou crítica dos acervos. Alguns responderam não ter interesse pelos assuntos, visto que não os representam ou não se fazem cativantes o bastante para gerar curiosidade.

Por fim, os funcionários foram questionados também sobre a ausência de atividades de capacitação voltadas para atuação em espaços culturais e museus. Não há um treinamento prévio para as funções “extras” que os funcionários acabam desempenhando dentro dos espaços por conta da ausência de outros profissionais, como recepcionistas e até mesmo educadores. Durante a oficina foram relatadas algumas preocupações em relação à comunicação com o público. “Saber lidar com gente” foi uma frase muito dita durante as rodas de conversa realizadas. Alguns funcionários relataram que fazem cursos por conta própria para aprender mais sobre o cuidado com os diversos visitantes do CC3P, especialmente as crianças.

Durante todo o processo dessa pesquisa, a ação educativa foi vista como uma construção feita a partir do diálogo entre as pesquisadoras e as equipes de vigilância e limpeza dos espaços do CC3P, público-alvo da pesquisa. Um assunto pouco falado é a desvalorização do público interno dos museus, que geralmente fica de fora dos planos educacionais propostos pela gestão e planejamento institucional, principalmente quando se trata de funcionários terceirizados. Além de gerar um vínculo limitado dos profissionais com seu local de trabalho, essa atitude foge da missão do museu, que é servir sua comunidade e abranger os interesses locais. Ao resumir museus a objetos materiais, rompe-se com a narrativa libertadora de que corpos também são patrimônio nacional e que vidas, histórias e memórias também fazem parte da construção do espaço museal.

A desvalorização é tão alarmante que, de acordo com o levantamento feito pela PEMBrasil (2023) sobre os tipos de públicos atendidos nas atividades educativas dos museus, apresentado no Gráfico 1, apenas 32% dos museus do Brasil possuem ações educativas voltadas para seu público interno. Considerando a experiência do CC3P, observa-se que este público interno composto por prestadores de serviço terceirizados não é contemplado nas atividades educativas realizadas no museu. Interessante observar que, diante da ausência de um setor educativo constituído e de uma equipe de recepcionistas nos espaços do CC3P, os vigilantes mostram-se interessados em atividades de capacitação que se relacionam com estas outras funções, como atendimento ao público, cursos de idiomas para melhor comunicação com turistas estrangeiros e até mesmo capacitações para lidar com crianças neurodivergentes.

Educação museal e gestão de riscos no Centro Cultural Três Poderes:
valorização do patrimônio humano e material

Gráfico 1: Tipos de públicos prioritários nas atividades educativas dos museus.



Fonte: Relatório Final da Pesquisa Práticas Educativas nos Museus Brasileiros – PEMBrasil (2023).

De acordo com Wagner Miquéias (2016: 109), “A Museologia apresenta uma forte dependência dos governos e do Estado. Historicamente, os museus brasileiros estão ligados ao Estado, ao passo em que as políticas de governo incidem diretamente sobre a categoria profissional.” A ligação entre a dependência dos museus ao Estado e a precarização do trabalho dentro das instituições só deixa claro o descaso do governo com a disseminação da cultura de forma adequada. Se a precarização do trabalho atinge áreas com maior especialização, nem se fala dos trabalhadores que não tem representatividade acadêmica e têm suas atuações muitas vezes subvalorizadas. No entanto, é importante destacar que nem todo o conhecimento teórico pode suprir a experiência e vivência de profissionais que atuam em suas áreas há 10, 20 anos, mesmo sem qualquer tipo de especialização acadêmica.

Um dos objetivos dessa pesquisa-ação foi, portanto, incitar a integração desses funcionários como público-alvo de uma ação educativa no CC3P, adotando uma metodologia dialógica e de escuta ao trazer o conhecimento e vivência que estes têm sobre os espaços como temas geradores para as discussões e debates propostos em uma oficina de gestão de riscos.

Oficina de gestão de riscos ao patrimônio material, imaterial e humano no CC3P

Diante do diagnóstico realizado em relação às práticas educativas no CC3P e após as muitas conversas com seus funcionários, sobretudo os vigilantes e equipe de limpeza, optou-se por fazer uma proposta de intervenção a partir de uma ação educativa voltada especificamente para este público interno dos espaços.

Assim, inicialmente foi desenvolvido um plano de ação para dialogar com os funcionários e elaborar uma devolutiva para que eles se sentissem contemplados pelo projeto que procurou levar em consideração as suas necessidades de capacitação e também a valorização do seu trabalho. A proposta de intervenção da pesquisa foi, portanto, sendo construída em conjunto com os funcionários da vigilância e limpeza do CC3P. Para entender melhor a realidade e dia a dia dos funcionários, foram realizadas conversas informais que moldariam o tema da proposta de intervenção e o modo de sua aplicação. Diversos assuntos foram abordados até chegarmos num assunto em comum de interesse dos funcionários.

No decorrer das conversas foi possível perceber as individualidades, mas principalmente a diversidade de opiniões sobre os espaços museais. Perguntas como “Se alguém lhe pedisse para fazer uma mediação no museu, mesmo que esta não seja a sua função, você se sentiria seguro para isso?” e “Sua percepção sobre Brasília mudou em algum sentido depois de conhecer esse museu?”, tiveram respostas extremamente divergentes. Nesse momento, começaram as dúvidas de quais seriam os planos para realizar um projeto educativo para um público com opiniões e interesses tão diferentes.

A partir do diálogo com os trabalhadores foi possível elaborar um tema sobre um assunto em comum: o ocorrido do dia 8 de janeiro de 2023. Mesmo os funcionários que não estavam presentes no dia tinham algo a dizer sobre a segurança com o patrimônio e com a vida no local.

Os ataques com objetivos golpistas realizados nos palácios localizados na Praça dos Três Poderes no dia 8 de janeiro de 2023 afetaram o país inteiro por sua violência e depredação do patrimônio público. Um ano depois, quando questionados, funcionários da segurança e limpeza relataram diversos acontecimentos que os marcaram. Na mídia, pouco se fala de quem estava trabalhando no local de ataque e foi pego de surpresa pela onda de agressão.

Devido a esse acontecimento e outras casualidades que ocorrem em espaços museais, foram fomentadas discussões afim de conscientizar e compreender as soluções cabíveis dentro dos espaços físicos diante da diversidade de riscos que podem acometer as instituições, seus acervos e a vida de quem ali trabalha diariamente.

Desde o princípio do projeto, foi reiterada a necessidade do diálogo constante e do aprendizado das pesquisadoras com os funcionários do CC3P. Havia funcionários com mais de 30 anos de experiência na Praça, pessoas que viram diversas gestões do local e diferentes governos. Viu-se a necessidade de estabelecer um compromisso com essas pessoas, realizando uma análise a partir das considerações sobre a relação funcionário-museu.

Um Plano de Gestão de Riscos visa incluir diversos cuidados com o ambiente e obras do espaço, considerando elementos como acervo, prédio e vida. O plano deve ser elaborado pensando em contextos da realidade do museu,

Educação museal e gestão de riscos no Centro Cultural Três Poderes:
valorização do patrimônio humano e material

abordando os problemas e suas soluções de forma realista. A Gestão de Riscos não deve incluir somente o patrimônio material, mas também a segurança dos funcionários e visitantes do local. As diretrizes visam priorizar a preservação do acervo juntamente com propor ações para aprimorar a segurança geral do local. Com a preocupação expressada em relação à segurança dos monumentos, objetos e principalmente ao próprio bem-estar dos funcionários, elaboramos uma Oficina de Gestão de Riscos, visando entender e auxiliar nas dificuldades do CC3P em relação ao tema. A Oficina de Gestão de Riscos teve a finalidade de ouvir e dialogar com as preocupações dos funcionários em relação ao seu local de trabalho. Durante a atividade, as questões foram se adaptando a fim de atender as demandas. Logicamente, com o 8 de janeiro, as preocupações se voltaram para a necessidade de exercer o trabalho em segurança. Um Plano de Gestão de Riscos não pode dar as costas para o patrimônio vivo no local: os funcionários que atuam nos museus.

A Oficina de Gestão de Riscos, juntamente com a roda de conversa, foi realizada nos dias 8 e 29 de abril de 2024. O intervalo entre os dias é devido à rotação dos funcionários que atuam em escala 12h por 36h. Em média, estiveram presentes 15 funcionários em cada dia. Os espaços do CC3P fecham para limpeza nas segundas-feiras, gerando uma oportunidade para realizar a oficina sem atrapalhar o serviço dos funcionários em relação ao público. Foram reservadas duas horas para a realização da oficina.

Figura 1: Roda de conversa com equipes de vigilância e limpeza do CC3P, realizada na sala administrativa do Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, dia 08 de abril de 2024.



Fotografia das autoras.

Dando início à Oficina de Gestão de Riscos, foi realizada uma roda de conversa com a condução de duas servidoras da Coordenação de Preservação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), com abordagem dos conceitos de risco, patrimônio, memória e segurança, na visão dos funcionários presentes. Foram levantadas questões sobre o aprendizado dentro do ambiente de trabalho e como funcionava a interação com os diferentes públicos do CC3P. Houve a preocupação com a representatividade do conteúdo dos museus e a importân-

cia da preservação da memória para gerações futuras. Foram citados diversos agentes de degradação presentes no CC3P, como pragas, vândalos, umidade etc. Em um segundo momento, contamos com a participação de uma museóloga para ministrar uma aula de Gestão de Riscos, e o discurso foi adaptado para os problemas e preocupações citados durante a roda de conversa, apontando como prevenir e lidar com os agentes de degradação citados pelos funcionários. Durante a roda de conversa e a oficina foram analisadas experiências relevantes para o desenvolvimento de um discurso adequado, assim como ações que atenderiam as necessidades levantadas pelos funcionários. Toda a proposta da oficina foi elaborada levando em consideração a localização, as demandas específicas do público interno e os recursos do ambiente.

Figura 2: Equipes de vigilância e limpeza do CC3P juntamente com as pesquisadoras da Universidade de Brasília e servidoras do Instituto Brasileiro de Museus em oficina realizada no dia 29 de abril de 2024, na sala administrativa do Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves



Autor: Thaís Valente

É importante ressaltar que um dos assuntos mais relevantes durante a oficina foi a retratação da segurança de vida e bem-estar dos funcionários do CC3P. As opiniões levantadas durante a conversa declaravam que a vida dos funcionários também faz parte do patrimônio do local, sendo também, parte das necessidades do plano de gestão de risco.

Considerações finais

Observa-se na Mesa de Santiago do Chile, realizada em 1972 e que se tornou um marco importante para o campo da Museologia, a necessidade de apontar museus como instrumentos a serviço da sociedade, sendo estes alteráveis e adaptáveis de acordo com as mudanças da comunidade em que estão inseridos. A construção do conceito de museu como uma “via de mão dupla” destaca ainda mais a necessidade de reafirmar a função social dos museus, sendo um dos seus objetivos a inserção da sociedade dentro de seus espaços.

Considerando, assim, que museus são instituições mutáveis, estes devem constantemente se repensar, se readaptar e propor diálogos às sociedades as quais assistem. Por isso é necessário um estudo a partir da realidade e das par-

particularidades de cada espaço, para que mais públicos possam ser atingidos pela comunicação educativa e diversos conteúdos que os museus podem oferecer.

É considerado importante tornar parte das pautas de um plano educativo, a humanização dos museus. Isso não significa que a memória e o significado que os objetos carreguem deva ser deixado em segundo plano, mas é interessante o desenvolvimento de estudos que enriqueçam áreas relativas às pessoas as quais os museus atravessam. Nesse sentido, Mario Chagas (2017) crava: “A Museologia que não serve para a vida, não serve para nada”, em uma forte defesa da integração do museu com o seu maior patrimônio: a vida. Para o autor, um dos prazeres do poder hegemônico é subjugar pessoas, culturas e memórias; assim, o primeiro compromisso da museologia deve ser preservar e defender a vida. Em suas palavras, a museologia:

(...) há de servir não apenas à preservação de coisas, objetos e artefatos, mas à valorização da vida em sociedade, não à vida orgânica e biológica apenas, mas à vida como relação, como vivência e convivência, como potência não orgânica de vida, como potência de criação e de resistência. (Chagas, 2017:141)

A afirmação do compromisso da museologia com a vida também é uma crítica literal. Muito se fala sobre a desmaterialização das práticas museológicas, visto que é sempre reforçada a importância dos objetos para a preservação da memória. A propagação dessa ideia vai além das paredes dos museus, atravessando diversos caminhos. A obsessão de colocar os objetos materiais dos museus como a porção de mais prioridade juntamente com o enaltecimento dos métodos de salvaguarda, desvaloriza as demais áreas que permitem a comunicação do acervo com o público. Uma das áreas mais afetadas pela precarização é o educativo. Falta de investimento em projetos e desestímulo à inovação reforçam ainda mais a presença do poder hegemônico, que destrói qualquer tipo de diversidade e apropriação social dos museus (Siqueira, 2020).

Essa falta de investimentos nas áreas de cultura e educação, também apaga a vida operante dentro dos museus. O público interno muitas vezes deixa de ser contemplado nas atividades de capacitação e treinamento das instituições e, o pior, sem um espaço para dialogar e opinar sobre o local que, de acordo com a definição de museu do ICOM, está ali ao seu serviço também. Nesse sentido, Precisamos estar despertos, a fim de recuperar nossa presença operativa no mundo, nossa potência de cultivadores da vida. Necessitamos, então, nos silenciar e esvaziar de nossas certezas e nossa arrogância, sobretudo quando cobertas de intenções benevolentes, para cultivar a não-violência, o respeito, a escuta e a apreciação do Outro (Siqueira, 2020: 24).

A escuta e diálogo foram métodos usados durante toda a construção e aplicação deste projeto, buscando aprender e construir conhecimentos em conjunto com os trabalhadores alvo, fazendo-os parte da ação educativa.

Assim, o projeto apresentado neste artigo prezou por incentivar o desenvolvimento de ações voltadas para a educação museal, com a aplicação prática de uma oficina de gestão de riscos e roda de debate, ampliando a conscientização da importância e necessidade do diálogo entre as instituições museais constituintes do Centro Cultural Três Poderes e seu público interno. Durante a pesquisa, foi vista a atuação dos funcionários da segurança e limpeza, tanto na estrutura do espaço, obviamente, mas também nas experiências do público externo e até mesmo dos não-público.

Juntamente com a experiência da realização de uma Oficina de Gestão de Riscos no CC3P, os dados apresentados dão uma base para entender a importância de um planejamento para a educação museal nos espaços culturais do Distrito Federal. A falta de ações educativas regulares é justificada pela ausência de incentivo, verba e até mesmo de ideias e inovações. No entanto, é válido destacar o esforço do gestor e da equipe de servidores do CC3P na busca da resolução desses desafios e a realização desta pesquisa, que culminou na Oficina de Gestão de Riscos, mostra a abertura da instituição e da SECEC-DF para receber projetos como este aqui narrado.

Referências

BRASIL. Decreto 8.124 de 17 de outubro de 2013.

CHAGAS, Mario; BOGADO, Diana. A museologia que não serve para a vida, não serve para nada: o Museu das Remoções como potência criativa e potência de resistência. In: CALABRE, Lia; CABRAL, Eula Dantas; SIQUEIRA, Maurício; FONSECA, Vivian. (Org.). *Memória das olimpíadas no Brasil: diálogos e olhares*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017.

COSTA, Andréa; SOARES, Ozias; CASTRO, Fernanda (orgs). *Educação Museal: conceitos, história e políticas*. Vol. IV: Museologia Social, decolonialidade e educação museal e relação entre o museu e a Sociedade: escolas, comunidades e a diversificação de públicos. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal; Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. Portaria Conjunta n. 5 de 29 de agosto de 2019.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal; Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. Portaria Conjunta n. 18 de 16 de agosto de 2024.

FREITAS, Vanessa Nascimento. COSTA, Luís Fernando Celestino da. Projeto Territórios Culturais: Educação Patrimonial e Museal no Distrito Federal. In: *Revista Com Censo #20*, v.7, n.1, mar/2020, p. 36-44.

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal – PNEM*. Brasília, DF: 2018.

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus; OBEC-BA, Observatório de Economia Criativa da Bahia. Pesquisa Nacional de Práticas Educativas nos Museus Brasileiros: Um panorama a partir da política nacional de educação museal – PEM. Brasília - DF, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/pesquisa-educacao-museal-brasil-relatorio-final>>. Acesso em: 05 de julho. 2024.

IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. *Subsídios para a elaboração de planos museológicos*. Brasília: Ibram, 2016.

Educação museal e gestão de riscos no Centro Cultural Três Poderes:
valorização do patrimônio humano e material

MARZIALE, N. P. A importância da reafirmação da função social dos museus: antes, durante e depois da pandemia. In: *O Público e o Privado*. Fortaleza, v. 19, n. 38 jan/abr, 2021. Disponível em:
<<https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/4119>>. Acesso em: 16 maio. 2024.

MIQUÉIAS, W. Trabalho e precarização nos museus brasileiros: uma análise introdutória. In: *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 52, n. 8, 2016.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. *Encontros museológicos: reflexões sobre museologia, a educação e o museu*. MinC/IPHAN/DEMU (Coleção Museu, Memória e Cidadania, 4), Rio de Janeiro, 2008.

SIQUEIRA, Juliana. A Educação Museal e seu papel num projeto decolonial da Museologia. In: COSTA, Andréa; SOARES, Ozias; CASTRO, Fernanda (orgs). *Educação Museal: conceitos, história e políticas*. Vol. IV: Museologia Social, decolonialidade e educação museal e relação entre o museu e a Sociedade: escolas, comunidades e a diversificação de públicos. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez. 2005, p. 443-466.

Recebido em dezembro de 2024.
Aprovado em maio de 2025.